

SIMPÓSIO AT099

LITERATURA CLARICIANA ENTRE O CLÁSSICO, O MARGINAL E O 'LIXO': O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA LITERATURA DE (OU EM) EXÍLIO

OLIVEIRA, Marta Franciso
UFMS/PNPD-PPGMEL/CPCX
martisima@gmail.com

Resumo: Clarice Lispector, uma das grandes e consagradas escritoras brasileiras do século XX, apresenta em sua obra uma percepção estética e literária que, embora rompesse com padrões tradicionais acerca do romance entre os anos de 1940 e 1970, no Brasil, é configurada como um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano. No entanto, a própria autora vivenciou uma mudança de paradigma em seu projeto literário, ao escrever os contos encomendados do livro *A via crucis do corpo* (1974), obra que precisou defender da crítica que o considerou como lixo. Por outro lado, ao escrever sua última novela, *A hora da estrela*, em 1977, um dos títulos oferecidos ao leitor é 'História lacrimogênica de cordel'; desse modo, Lispector insere personagens marginais de contextos distintos, bem como um gênero literário descentrado, verbalizando, literal e simbolicamente, 'o direito ao grito', ou de voz, de novas tendências culturais literárias e de expressão de grupos que também se apropriam de um imaginário, clássico ou popular, e o usa como matéria artística. Nos rastros de Lispector, portanto, nossa intenção é analisar como arte e artistas 'migram' entre os espaços de criação poética, recriam ou inauguram tradicionalidades, em especial neste momento de movimentos migratórios e exílicos. A linguagem contemporânea, marcada pelos movimentos e pela inquietação dos grupos, circula artes, autores, obras e leituras, e as formas de ficção e de criação precisam ser analisadas à luz das teorias modernas, literárias e culturais, conforme é nossa intenção.

Palavras-chave: imaginário contemporâneo; literatura clariciana; exílio; poética de exílio.

Abstract: Clarice Lispector, one of the major and most acknowledge Brazilian authors of the 20th century, presents in her work an aesthetics and literary perception that, although she parted from traditional patterns concerning romances between the years or 1940 and 1970, in Brazil, she is pictured as a deepening of classical issues and themes about the human imaginary. However, the author herself had lived a paradigm shift within her literary project, by writing the commissioned tales from the book "A via Crucis do corpo" – The body's via Crucis – (1974), work that she had to defend from critics whom had considered it to be garbage. On the other hand, by writing her last novel "A hora da estrela" – The hour of the star – (1977), one of the titles presented to the reader was "A tearful chap-book story", that way, Lispector inserts side characters from distinct contexts, as well as an off centered literary genre, verbalizing, literally and symbolically, "the right to shout", or of saying, of new literacy cultural trends and of group expressions that also appropriate themselves of an imaginary, classical or popular, and use it as an artistic matter. In Lispector's trails, therefore, our intention is

to analyze how art and artists “migrate” between the spaces of poetic creation, recreate or inaugurate traditionalities, specially in this moment of migrative and exile’s movements. Contemporary language, marked by movements and groups’ disquietudes, circles art, authors, works and readings, and the forms of fiction and creation need to be analyzed by the light of modern theories, literary and cultural, as it is our intention.

Keywords: contemporary imaginary; Lispector’s literature; exile; exile’s poetry.

Introdução

Após mais de quarenta anos da morte e da publicação das últimas obras da escritora Clarice Lispector, ainda é possível dizer que sua obra e seu fazer ficcional colocam em primeiro plano o feliz resultado do trabalho literário de uma mulher que rompeu padrões estéticos tradicionais e inscreveu seu nome entre os grandes escritores da Literatura Brasileira, angariando também destaque e reconhecimento internacionais. Aclamada e bem recebida pela crítica, não se limitou apenas a um público seletivo e especializado, pois seu texto também goza de apreciação entre variados públicos, desde a época em que escrevia para jornais (crônicas e assuntos ditos femininos) até a atualidade, inclusive entre jovens blogueiros e aficionados à internet e ao mundo virtual das redes sociais. Deste modo, ler a ficção clariciana é, ao mesmo tempo, um exercício de procurar estabelecer um diálogo entre o fazer ficcional literário e as relações múltiplas, simbólicas, imagéticas, intersemióticas que se apresentam entre literatura e a observação da vida, do cotidiano, das profundezas do pensamento e do desejo humano, bem como da relação com outras artes, com destaque para as que se valem da imagem.

Neste artigo, interessa-nos analisar como o imaginário contemporâneo pode ser vislumbrado na poética de Clarice, uma poética que é, ao mesmo tempo, do olhar (PONTIERI, ano) e de exílio (OLIVEIRA, 2017), em uma atenta observação da vida e uma ficcionalização da experiência e da vivência.

Lispector inicia sua obra ainda muito jovem, com vinte e dois anos, a partir de um romance que surpreendeu a crítica, e gerou argumentos a favor e outros não tão agradáveis para a autora. Se, por um lado, Álvaro Lins se concentra no aspecto ‘psicológico’ de uma escrita ‘feminina’ que percebe em

Perto do coração selvagem (publicado em 1943), muito mais seria revelado ao longo de anos de leitura e releitura da obra, o que levou a crítica, de modo geral, a valorizar seu livro de estreia. No *Correio da Manhã* de 11 de fevereiro de 1944, Lins afirmou que estava diante de um romance lírico, expressão que usou como título de sua crítica, e considerou que a escritora em língua portuguesa tinha se aproximado da escrita de um lirismo unido ao realismo, no qual o sentimento poético se conjugava com a capacidade de observação aguda do mundo, chegando mesmo a ser pungente e cruel. Para ele, no entanto, a autora seguia os caminhos do romance inglês visto em Proust e Virgínia Wolf e, embora mostrasse traços de uma grande escrita, ainda não fora capaz de produzir um grande romance, algo que poderia fazer mais tarde. Em contrapartida, alguns meses depois, em outubro de 1944, *Perto do coração selvagem* receberia o prêmio da Fundação Graça Aranha de 1943, cujos critérios de seleção incluíam a originalidade do livro. Portanto, a apreciação foi subjetiva, em muitos aspectos; no entanto, de modo geral os leitores e a crítica souberam perceber o valor da obra.

Clarice Lispector desenvolveu sua escrita através da experimentação com o texto, com a linguagem, com a construção do modo de narrar e dos pontos de vista do narrador, como se percebe na leitura de *Perto do coração selvagem*, *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo GH*, com seus estilos distintos de construção narrativa. Por um lado, simpatizo com Lins e sua ideia acerca da lírica presente na narrativa clariciana, e até desenvolvo esta ideia apoiada em Tadié (récit poétique) e Freeman (lyrical novel) para pensar a poética de exílio que percebo nas obras de 1946, 1949 e 1951. No entanto, o que quero destacar é como Lispector apresenta em sua obra uma percepção estética e literária que, embora rompesse com padrões tradicionais acerca do romance entre os anos de 1940 e 1970, no Brasil, é configurada como um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano, abarcando angústias, desejos, a intensidade da incomunicabilidade e a própria percepção acerca dos aspectos de humanidade. *A paixão segundo GH*, por exemplo, demonstra a dimensão da (in)compreensão do gênero

humano e seu esforço de superação, algo já ensaiado com Virgínia e seu entorno familiar, em *O lustre*; com Lucrécia e a sua inserção ou falta de inserção na cidade de S. Geraldo, em *A cidade sitiada*; e, também com Martim, em sua luta com a escrita, em *A maçã no escuro*.

Estes aspectos descrevem todos os personagens destacados como marginais, exercendo alguma forma de protagonismo periférico, apesar da aparente incongruência da expressão. De fato, como personagens, são centrais na narrativa, mas sua posição é, na construção do texto ficcional, a mimetização do deslocamento e da marginalidade. Sem dúvida, Macabéa, na novela de 1977, é a culminância desse processo mimético, redesenhando na construção ficcional uma diáspora criadora, simbólica, fadada à errância, enquanto a escritora buscava ampliar sua forma de expressão e de criação textual. É neste aspecto que considero que Lispector vivenciou uma mudança de paradigma em seu projeto literário, ao escrever os contos encomendados do livro *A via crucis do corpo* (1974), obra que precisou defender da crítica que o considerou como lixo. De fato, outras formas de escritura se interpõem ao longo de sua vida, como as colunas – tão distintas – em jornais, mas não convém analisá-las aqui, pois o interesse está concentrado em seu fazer ficcional em obras cujo gênero se alinha à ficção. Assim, *A via crucis do corpo* é um marco pelos aspectos da encomenda do livro, dos temas abordados (o mito do nascimento de uma mãe virgem, tomado em seus aspectos mais mundanos, estupro, crime etc.) e pela reação da própria escritora ao aceitar a demanda, produzir os contos e, posteriormente, defendê-los, mesmo que se enquadrem em categoria externa à literatura – o lixo, que também tem sua hora. Na revista *Veja*, em julho de 1974, foi publicada uma crítica que afirmava o que livro era “lixo, sim: lançamento inútil”.

No imaginário cotidiano, contemporâneo, vale ressaltar que a ‘hora do lixo’ reveste-se de novos significados, quer literalmente, quer culturalmente. Hoje, gêneros de textos, músicas, performances, artes, estilos de vida e objetos que permeiam o mundo físico, real, ou virtual e abstrato, simbólico, podem ser ressignificados, reavaliados, metaforicamente constituindo uma

nova forma de relação com o superficial, o supérfluo, o ignorado, o descartável, o desprezível. Neste aspecto, as relações entre pessoas e grupos também podem ser inseridas, exigindo uma reorganização de pensamento social, histórico, político e cultural, nova percepção de seres, grupos e territórios que poderiam ser relegados à condição de lixo, instáveis, móveis e movediços, mas que se inscrevem, com insistência, no redesenhado espaço dos territórios nacionais. Como ignorar essa nova compleição, por exemplo, em espaços de imigrantes, retirantes, exilados e desterrados que invadem as configurações antes tão mais fixas?

Clarice inicia sua obra com citações, próprias e de outros textos, como os Salmos, e de alguém que afirma não saber quem é; faz, portanto, um certo jogo entre mitos sagrados e profanos acerca da relação da espécie humana com as possibilidades do corpo. O corpo é o tema, quase como entidade, como território; o corpo apreendido na compreensão de sua espacialidade. Assim, cita: “ A minha alma está quebrantada pelo teu desejo. Salmos 119:12”. E, em seguida: “ ‘Eu, que entendo o corpo. E suas cruéis exigências. Sempre conheci o corpo. O seu vórtice estonteante. O corpo grave.’ (personagem meu ainda sem nome)” (LISPECTOR, 1998, pg. 8). Após o sumário com os títulos dos 13 contos, a autora inseriu uma “Explicação”:

O poeta Álvaro Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha, faltava a imaginação. E era assunto perigoso. Respondi-lhe que não sabia fazer história de encomenda. Mas – enquanto ele me falava ao telefone – eu já sentia nascer em mim a inspiração. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

Assim, Clarice Lispector confrontou-se com uma demanda da época que colocou em sua perspectiva o imaginário popular contemporâneo. Os fatos, reais, dariam a base para a ficcionalização, agregados de sua inspiração e imaginação. Seria uma literatura marginal, cujos temas aparentemente destoariam de sua poética de exílio em construção, e em suspenso, desde suas obras dos anos 1950, segundo minha análise. No entanto, esse olhar criador iria ser deslocado para a margem, para o até certo ponto ignorado, mas

que agora seria tema de alguns contos. A escritora, portanto, descreve o processo de escrita nesta “Explicação”:

Eu mesma espantada. As histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade (...) Vão me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria. Além do mais, tratava-se de um desafio. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

Conforme sua explanação, o trabalho exigiu um esforço que, entendemos, Clarice não gostaria de repetir. A tentativa de escrever estes contos sob o pseudônimo de Claudio Lemos não foi aceita pelo editor, pois, afirma Clarice, Pacheco

disse que eu devia ter liberdade de escrever o que quisesse. Sucumbi. Que podia fazer? senão (sic) ser a vítima de mim mesma. Só peço a Deus que ninguém me encomende mais nada. Porque, ao que parece, sou capaz de revoltadamente obedecer, eu a inliberta. (LISPECTOR, 1998, p. 11)

E, ainda, a escritora fala acerca de seu trabalho criativo com os contos e a impressão desencadeada: “uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo. Este livro é um pouco triste porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo-cão.” (LISPECTOR, 1998, p. 11)

Portanto, a escritora rompe momentaneamente com o clássico, o aclamado pela crítica e, mesmo sem intenção espontânea, já que os contos foram encomendados (ela afirma que eram três histórias solicitadas, mas acabou entregando treze), traz para o protagonismo o marginal e o ‘lixo’. Foi um desafio, aceito e desenvolvido, no qual colocou em perspectiva o imaginário cotidiano ficcionalizado, como já havia feito durante os anos em que escreveu crônicas no *Jornal do Brasil*. Tal trabalho também lhe permitiu uma percepção acerca da realidade de um mundo-cão que possivelmente abriu outras oportunidades de criação e construção literária. Como isto se desenvolveria torna-se perceptível nos rumos de seu projeto literário na década de 1970.

Ao escrever sua última novela, *A hora da estrela*, em 1977, dois personagens são centrais: o narrador escritor Rodrigo S.M. e a nordestina protagonista da novela que este narrador escreve, Macabéa, a migrante

nordestina miserável que mastigava papel à noite para enganar a fome e poder dormir. Ou seja, a margem se torna centro e sua relação com o imaginário da grande cidade compõe o pano de fundo da narrativa. Uma espécie de cosmopolitismo (SANTIAGO, 2004) surge nas relações de Macabéa com a cidade e os bens culturais que oferece, e algo semelhante ocorre com Rodrigo S.M., enclausurado em seu pequeno apartamento para dedicar tempo à sua 'má literatura'. Silviano Santiago destaca que há consequências para a literatura e para as artes quando estas são produzidas em um país em que há quantidade expressiva de analfabetos. Assim, Clarice mimetiza as incertezas dessa relação através de sua novela (2004, p.65).

Ademais, outros aspectos são revelados na construção narrativa. Por exemplo, um dos títulos oferecidos ao leitor é 'História lacrimogênica de cordel'; desse modo, Lispector insere tanto personagens marginais de contextos distintos como um gênero literário descentrado no texto, verbalizando, literal e simbolicamente, 'o direito ao grito', ou de voz, de novas tendências culturais literárias e de expressão de grupos que também se apropriam de um imaginário, clássico ou popular, e o usam como matéria artística.

Nos rastros da escrita clariciana, portanto, o olhar pode ser deslocado para a atual percepção de como arte e artistas 'migram' entre os espaços de criação poética, recriam ou inauguram tradições, em especial neste momento de movimentos migratórios e exílicos. O movimento exílico e diaspórico exige transitar por um território próprio e alheio, conhecido e desconhecido. Nas relações simbólicas que são estabelecidas, a arte, a cultura, a literatura e a linguagem se transformam, crivadas de múltiplas influências, mais ou menos percebidas, mais ou menos marcantes. Bastaria, por exemplo, pensar em quais leituras grupos de seres em exílio levariam consigo; como as inseririam em um novo contexto; como as perceberiam a partir deste novo espaço, real e virtual, metafórico, de percepção individual e coletiva, no decorrer de determinado tempo. Como perceber essas alterações? A linguagem contemporânea, marcada pelos movimentos e pela inquietação dos grupos, circula artes, autores, obras e leituras, e as formas de ficção e de

criação precisam ser analisadas à luz das teorias modernas, literárias e culturais.

Por fim, podemos destacar que este artigo não se quer conclusivo, afinal o que lançamos são questionamentos e percepções que, sem dúvida, podem e devem ser desenvolvidos. Com base na obra clariceana, cabe ao pesquisador e ao leitor da atualidade este olhar atento, enviesado, oblíquo, acerca de como o clássico, o marginal e até mesmo o lixo se congregam, e muitas vezes convergem, para compor o quadro do imaginário contemporâneo presente na literatura do século XXI, em movimento, em trânsito, em exílio: desterrada, desconectada de um único território, torna-se universal na compreensão ou incompreensão do humano.

Referências

FREEDMAN, Ralph. **The lyrical novel** – Studies in Hermann Hesse, André Gide and Virginia Woolf. Princeton, New Jersey; London: Princeton University Press, Oxford University Press, 1963.

LINS, Álvaro. Crítica literária. In: **Correio da Manhã**. Disponível em hemerotecadigital.bn.br

Lispector, Clarice. **A hora da estrela**.

____. **O lustre**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

____. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora: 1975.

____. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. **Que quer dizer cultura?** Uma leitura de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Campo Grande: Editora UFMS: 2014.

____. **Clarice Lispector: a poética de um (in)certo exílio**. Campo Grande: Life Editora, 2017.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TADIÉ, Jean-Yves. *Le récit poétique*. Paris: Galimard, Collection Tel n° 240, 1994.